

UM MOMENTO PARA MEMORAR SÉRGIO BUARQUE DE HOLANDA

Maria Lúcia de Souza Rangel RICCI

Neste momento em que se comemora o centenário de nascimento de Sérgio Buarque de Holanda, ilustre professor, ensaísta, historiador e jornalista, inúmeras manifestações de expoentes da cultura brasileira estarão se manifestando. Nossa contribuição é apenas uma singela mensagem pelo muito que ele representou à História Brasileira. Bem por isso, não estamos aqui mencionando sua biografia e também sua vasta produção cultural. Limitamo-nos apenas a registrar alguns pontos que para nós se constituem marcantes ao longo de sua fecunda vida e que nos levaram à visita das marcas da memória.

Se, em verdade, pessoalmente, só com ele estivemos por dois momentos, ambos na Universidade de São Paulo (o que foi uma pena...) cremos que nossas leituras, os vários seminários de que participamos, as reflexões que fizemos sobre sua obra nos serviram como base para poder homenageá-lo nesta oportunidade, se bem que num vôo de pássaro.

É dificultoso alinhar os tópicos mais significativos da obra de Sérgio Buarque de Holanda, pois suas abordagens/análises constituem mais que uma centena de novos problemas, diríamos mesmo trazidos à tona por ele e, pela primeira vez, na historiografia brasileira. Lembremos alguns deles:

Tratou dos motivos edênicos no descobrimento e colonização do Brasil, além da visualização edênica relativa às terras descobertas e colonizadas pelos europeus, constituindo essa análise, um dos traços marcantes do espírito renascentista que ele observou e que encontrou no Brasil um campo amplo de interesse. Mostrou, numa visão de conjunto, aquilo que era escrito e pensado na Europa acerca não só do Brasil, mas

também da América como um todo, que em geral apontavam as terras americanas numa nova visão paradisíaca;

sua contribuição foi também positiva para o conhecimento/vivência da história nacional, da literatura, da arte, sempre demonstrando como era o jogo da vida; ganhar, perder, rir, fazer divertir, empunhar a bandeira democrática a todo instante, visando o crescer da sociedade e o captar das maneiras de como operacionalizar as oportunidades a todos;

foi ele ainda aquele que proporcionou, através de seus escritos políticos, interesses renovados quando abordava a problemática da histórica resistência oposta à mudança ao longo da trajetória brasileira. Dessa maneira, se olharmos para o conjunto de sua vasta obra, temporalidade e mudança constituíram os pontos marcantes de sua produção;

sempre procurou interrelacionar o social e o político, visando à reconstituição do global em meio de suas variadas correlações, deixando transparecer o quão difícil era à renovação dos valores tradicionais que impediram (e isso nos idos dos anos 1970) construir tradições políticas duradouras, flexíveis, o que acabou por confundir o Brasil arcaico e o novo; analisou a nossa burguesia como incapaz de transformar a sociedade onde persistiam as oligarquias aristocratizadas tal como no período colonial e imperial, a refletir como as “reformas” no país foram “artificiosas”. Nesse sentido se expressou muito bem quando escreveu que “novas formas de vida à custa de decretos e tentando fazer que o país crescesse de fora para dentro não seria a melhor maneira de modificar a sociedade”;

e ponderou mais ainda ao explorar nossas contradições: “como esperar transformações profundas em um país onde eram mantidos os fundamentos tradicionais da situação que se pretendia ultrapassar”;

em seu trabalho “Do Império à República” (1922), reconstituindo a crise da oligarquia palaciana e o advento dos militares à cena política, analisou como as práticas enquadradas pelo sistema político monárquico levaram ao aumento de marginalização da massa popular, compreendendo, com propriedade, as disparidades das intercessões entre o ritmo do movimento político e da vida social brasileira;

analisando a formação do patronato no país, houve por bem demonstrar como a classe política urbana, oriunda do crescente aumento

de cargos no funcionalismo público, teve a atuação marcante da elite conservadora.

Precisaríamos de muito, muito espaço para bem localizar o cidadão Sérgio Buarque de Holanda que, ao lado de sua vibrante inteligência, humor irresistível, doçura no trato com seus semelhantes (foi ele, de fato, um homem cordial), não deixou de ser também um boêmio. Através dessa sua boemia soube ainda melhor conhecer o nosso povo quando, freqüentando entre outros bares e restaurantes, o “Lamas” (no Largo do Machado, no Rio), o “Brahma” e o “Bar Nacional (São Paulo), onde assunto era o que não faltava, até porque sua roda de amigos era das mais representativas da intelectualidade nacional. Nesses bate-papos tudo rolava: política, música popular, literatura, conhecimentos mundiais, circunstanciais, pessoais...

Até hoje seus trabalhos são amplamente analisados e discutidos. O interesse por sua obra é indiscutível, constituindo-se como referencial imprescindível à historiografia nacional, onde suas abordagens são constantemente revisitadas com o intuito de melhor entender/compreender/vivenciar a atualidade brasileira.

O perspicuo olhar do Dr. Sérgio deixou manifesto em suas obras a agudeza de seu espírito, sempre atento ao país que tanto amou, não se descurando em apontar, ao longo de sua vida, vários caminhos para o prosseguir da pesquisa e análise do Brasil.

Assim refletindo creio ser este o momento mais que oportuno para a sua fecunda produção possa ser revisitada, repensada enquanto vivência historicamente experimentada, sempre com o intuito de recuperar o lugar do sujeito histórico na criação e recriação de seus modos de vida e de luta, sob os mais diversos pontos de vista e com novo olhar dos cientistas sociais contemporâneos.

(Publicado originalmente no “Boletim da Academia Paulista de História”, nº 95, junho de 2002)